

A HORA DA ESTRELA: NARRATIVA E CRISE SOCIAL

Valdemar Valente Júnior¹

RESUMO: Este artigo tem como objetivo desenvolver uma análise que coloque em questão *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, como referência de abordagem social que difere do teor psicológico presente na maioria de seus textos. Por esse meio, essa obra derradeira, publicada no ano de sua morte, constitui-se de elementos capazes de dotá-la da condição singular que a tipifica como um achado de sentido original no conjunto da produção da escritora. Assim, o ajuste de contas com o final da vida parece dar motivo ao ordenamento de uma escrita que tem como argumento a condição de uma mulher pobre, em situação de exclusão, vivendo no Rio de Janeiro, longe de sua terra.

Palavras-chave: Narrativa, pobreza, crise.

A HORA DA ESTRELA: NARRATIVE AND SOCIAL CRISIS

ABSTRACT: This article aims to develop an analysis that put in question *A hora da estrela*, by Clarice Lispector, as a reference of social approach that differs from the psychological content present on most of her texts. By this means, this ultimate work, published in the year of her death, consists of elements capable of endowing singular condition that the typical finding original meaning throughout the work of the writer. Thus, the reckoning with the end of life seems to give reason to the planning of a written argument that the condition of a poor woman, in a situation of exclusion, living in Rio de Janeiro, away from your land.

Keywords: Narrative, poverty, crisis.

Introdução

A coincidência da publicação de *A hora da estrela* no ano da morte de Clarice Lispector simboliza a relação do criador com a criatura, a partir de Macabea, a personagem que pode de algum modo definir a escritora. Disso surge uma relação que ultrapassa a morte dessas duas estrelas no momento em que ambas desfrutam de um espaço no imaginário do público como partes de um universo de estranhezas que reafirma seus lugares incomuns. Assim, uma espécie de escrita terminal define a crise que se faz representar nessa obra. A escritora, ao perceber a chegada de

¹ Doutor em Ciência da Literatura pela UFRJ. Pós-Doutor em Literatura Brasileira pela UERJ. Professor Assistente da Universidade Castelo Branco.

seu fim, configura a nordestina no contexto da grande cidade e o calvário de humilhações e injustiças que a caracteriza como personagem violentada em seus desejos. Macabea apresenta-se como espelho à condição de tantas outras mulheres subjugadas no rodamoinho em que os subalternos concorrem em condições desfavoráveis.

O olhar crítico da escritora incide sobre uma mulher a quem a sociedade não presta atenção. Desse modo, Macabea busca romper com o determinismo social que a condena, sendo sua origem um estigma que permanece sem que haja a possibilidade de removê-lo. Não se trata mais de enxergar na obra de Clarice Lispector o fluxo de uma consciência dilacerada pela inconformidade que habita suas personagens. O exemplo de Macabea, de modo oposto, pode ser visto a partir de uma pressão social que sugere o reconhecimento de *A hora da estrela* como obra diferente das demais ao aproximar-se do que passa ao largo de quem não se detém em abordar a desigualdade como um registro específico. Por isso, a narrativa ratifica o desconforto e a opressão inerentes a uma sociedade impiedosa, em vista da divisão de classes que delimita espaços sem permitir inter-relações diante do que se estabelece como linha demarcatória.

A trajetória da nordestina não tem como fugir ao que se impõe como destino de quem se lança em busca de seus sonhos, ainda que a isso corresponda o quarto de pensão na Rua do Acre que divide com outras mulheres. Daí, Clarice Lispector, em seu último instante de brilho, dar à luz uma estrela opaca a quem não foi dada a permissão de viver a plenitude do que se mostra distante. Por esse meio, o cotidiano miserável concorre para que os fatos se apresentem como sinônimos da opressão que a condena à inferioridade de onde não se faz possível enxergar outra perspectiva. Em vista disso, a posição de onde o narrador observa o desenrolar dos episódios concorre para que a narrativa agrave a situação inerente à personagem principal como alguém para quem o sentido das coisas mostra-se inexistente.

O descaminho referente ao lugar de Macabea transforma-se na razão de ser da narrativa, uma vez que o texto tenta cerzir um tecido cujos remendos são ineficazes. Assim, *A hora da estrela* configura-se na perspectiva de uma leitura de natureza social que supera essa ocorrência no restante da obra de Clarice Lispector. De fato, nenhum outro texto de sua autoria se faz capaz de dar ênfase ao drama dos despossuídos, evidenciando a exclusão como marca. Por sua vez, a isso não se impõe qualquer forma de denúncia, na medida em que o narrador não se coloca diante da possibilidade de um discurso que reitere essa questão. O ambiente desfavorável induz à falta de perspectivas de quem desconhece o sentido que fundamenta as coisas mais simples. A partir da

limitação de que é vítima, Macabea recorre à observação do que não tem explicação, uma vez que o mundo para ela se apresenta em sua carga de estranhezas.

Assim, *A hora da estrela* confirma-se a partir de uma abordagem que não tem como fugir à condição social. A isso acrescenta-se um olhar que se estende da perspectiva subjetiva para uma configuração crítica, no que se refere à estagnação inerente aos que não possuem qualquer expectativa. Macabea expressa-se como alguém para quem o sentido das coisas consiste em sua ausência absoluta. Diante disso, cada situação a impele a informações que compensam o que lhe foge ao entendimento, em vista de sua fragilidade. O diapasão crítico que a isso se acrescenta corresponde uma leitura social em condição muito além do que se espera diante da resolução de demandas insolúveis. Daí a narrativa induzir o destino da personagem a um brilho de estrela que não lhe é permitido desfrutar.

A mudança do eixo de observação, a partir de um olhar que privilegia a exclusão social, encontra em *A hora da estrela* a condição de narrativa que pode ser analisada sem que a isso se agregue qualquer forma de oposição ao sistema. A penúria que se verifica a partir de Macabea contempla não apenas a inconsciência que guia a personagem. Por esse meio também afirma o espaço da crise, ainda que esse transe não represente uma posição política. Assim, cabe salientar a observação social contida em *A hora da estrela* como um ponto fora da curva, no que parece ser o teor crítico original dessa obra. Essa originalidade corresponde ao lugar de Macabea como personagem cuja pobreza totaliza-se e configura-se como um retrato de corpo inteiro diante do qual se espelham realidades múltiplas que caracterizam os subalternos no seio da sociedade.

Um lugar estranho

A situação que se impõe a partir da leitura de *A hora da estrela* dá conta da divisão de classes como registro de uma sociedade excludente. A estranheza que caracteriza Macabea refere-se à penúria de uma legião de mulheres que, como ela, se expõem à Aventura de sobreviver longe de sua terra. Assim, essa proposição contraria o recorte específico do drama psicológico para ir ao encontro do desejo da nordestina como protagonista da condição através da qual os subalternos são apresentados. O cotidiano de privações e a lida diária da datilógrafa que rasura as folhas escritas comparecem como mecanismos capazes de torná-la ainda mais frágil. A isso Benedito Nunes acrescenta: “É esse espaço, onde se travam um embate e um debate, que também

encontramos em *A hora da estrela*”. (1995, p. 168). As vicissitudes por que passa caracterizam um desvio em meio à miséria que atinge as demais personagens.

Assim, *A hora da estrela* destaca-se como narrativa que opera um recorte específico, não apenas no que diz respeito ao repertório que Clarice Lispector põe em prática, mas também em relação à observação acerca de uma crítica que se faz inviável durante a ditadura militar. Há que se compreender, em vista do que a obra suscita, que o dilema dos subalternos concorre para que Macabea apresente-se como ponto destoante. Para além da situação de desprestígio, à falta de sorte acrescenta-se o isolamento em um mundo de que desconhece o sentido elementar. A incapacidade de decifrar o que se mostra estranho concorre como meio que se integra ao repertório que reúne como possibilidade de sobrevivência, em vista dos objetos que a cercam e refletem sua razão de ser. Daí a Rádio Relógio corresponder ao nível precário de informação de que pode dispor. A falta de elementos que lhe garantam uma inserção diante do que sequer tem consciência concorre como núcleo do que lhe caracteriza como personagem.

A disparidade que se acentua como lugar imutável faz de Macabea alguém para quem não existe a distinção entre a felicidade e o infortúnio. Na verdade, não há medida entre o bem e o mal, uma vez que desconhece o que sequer tem noção que exista. Assim, *A hora da estrela* reitera a condição de quem ignora a dimensão das coisas, separando o desejo de sua realização. A isso Lúcia Helena acrescenta: “Nela se constrói, isto sim, um campo de meditação (e de mediação) em que se aprofunda o questionamento das relações entre a literatura e a realidade”. (1997, p. 109). A condição da nordestina oprimida serve para identificá-la a partir de um núcleo social cuja perspectiva de mudança apresenta-se remota. A impossibilidade de sua inclusão esbarra na precariedade que a circunda como realidade diante da qual não existem alternativas, não havendo como se possa superar o que não representa uma resposta plausível.

Essa personagem singular decorre da observação de quem constrói um enredo capaz de dar forma à desigualdade social. Por sua vez, não há nenhuma desforra que se apresente em um plano possível, em vista da injustiça que a condena a um confinamento onde não existe perspectiva de sublevação. A crítica que se impõe a *A hora da estrela* como narrativa que potencializa a condição dos subalternos não possui meios de se fazer representar senão pela figura da nordestina. O mundo de que pretende fazer parte resulta de uma condição que lhe foge às mãos, não sendo possível dar conta do que supõe ser o lugar de seu sonho. A questão que se impõe diverge de uma série de análises que insistem na abordagem de *A hora da estrela* como concepção de um drama

circunscrito ao existencial. Por sua vez, o desvio desse fulcro recoloca a obra na condição do que pode caracterizá-la como objeto de crítica que supera essa instância.

Confinada ao espaço que lhe restringe a ação, a massa é empurrada para uma condição de onde não existe saída. Nesse ponto reside a mudança de visão a respeito de *A hora da estrela* como leitura que observa a personagem estigmatizada em sua inferioridade. A isso Berta Waldman acrescenta: “Entre a realidade, sua matéria prima, e a linguagem – o modo como vai buscá-la e não encontrá-la –, o seu esforço humano e apaixonado é buscar e voltar com as mãos vazias”. (1992, p. 121). O que poderia significar a relação de Clarice Lispector com relação aos excluídos, o que não se apresenta como elemento de força em sua obra, tende a configurar-se em uma perspectiva final, quando a escritora explicita sua preocupação em vista da desigualdade.

Macabea não compreende o significado de sua presença no mundo, em vista do que se acrescenta à ausência do que lhe possa servir como inserção em um contexto possível. Desse modo, o ímpeto criador de Clarice Lispector observa o tecido social deteriorado, ainda que se identifique em Macabea um espírito que luta contra sua incapacidade de reverter essa situação. A vontade humana não possui limites, e a nordestina, em sua condição adversa, não consegue lidar com o desejo de mudar seu destino por desconhecer o que a vida representa. Diante de um mundo onde os espaços se restringem, a partir da divisão que estigmatiza os excluídos, *A hora da estrela* concentra seu foco de observação em quem não possui o ânimo suficiente para romper com o determinismo que se apresenta como regra.

A mulher e a cidade

A hora da estrela tem no Rio de Janeiro o espaço de sua relação mimética. Alguns pontos da cidade confirmam-se no roteiro por onde Macabea circula, na condição de quem busca ambientar-se aos conflitos que essa mudança impõe. O Rio de Janeiro evidencia a vinda de nordestinos que se amontoam em cortiços e favelas. A situação de Macabea reitera o lugar de quem sobrevive do que sobeja ao consumo da metrópole, a partir de postos de trabalho e locais de moradia que se apresentam abaixo da linha da pobreza. A isso Vilma Arêas acrescenta: “A inacessibilidade dos bens materiais e culturais, a condição de pária social, faz dela um ser inacabado pela impossibilidade de desenvolvimento adequado”. (2005, p. 81). A pobreza se sobrepõe à narrativa ao configurar o que se destaca para além do drama do que representa a posição

de Macabea. Nesse contexto, coloca-se uma situação para a qual não existe saída, uma vez que o sonho de ver chegar sua hora de brilhar corresponde à morte.

No entanto, a existência impõe sua vontade no que se refere à capacidade de cada indivíduo reiterar o lugar que lhe cabe, e Macabea convive na cidade com situações a que não está habilitada a entender. Daí não enxergar nada além do espaço restrito a seu cotidiano de privações. Nesse sentido, há que se pensar acerca das opções que a cidade oferece sem que a isso corresponda a possibilidade das pessoas delas usufruírem. O exemplo de Macabea confirma um roteiro de vicissitudes a que se faz obrigatório cumprir. Os excluídos encontram-se confinados aos redutos sem a menor visibilidade, subjugados ao anonimato que os oculta como seres sem importância. Assim, em meio à multidão se incluem os que não chegam a perder a oportunidade, uma vez que isso não lhes corresponde, no âmbito de qualquer expectativa.

A cidade representa o espaço das contradições dos que nela sobrevivem. Morar no Rio de Janeiro significa abdicar da terra de origem em favor de uma adaptação quase sempre precária. Os nordestinos assumem postos de trabalho como prestadores de serviços. Assim, *A hora da estrela* aponta para o lugar dos que circundam Macabea como extensão de sua representação como personagem à deriva do sistema produtivo. A isso Olga de Sá acrescenta: “Nesse espaço há espelhos comidos pela ferrugem, bares, a Rádio Relógio, cinemas baratos, Jardim Zoológico, automóveis de luxo Mercedes Benz, patrocínio do refrigerante mais popular”. (1979, p. 210). O que sobra das classes superiores são os detritos que os desfavorecidos recolhem para lhes suprir os instintos elementares. A exclusão condena os contingentes tangidos pela fome à coleta de restos, não apenas na expectativa da sobrevivência material, mas também da indigência intelectual que denuncia essa desigualdade.

A presença de Macabea como incapaz de entender seus limites assume uma dimensão crítica que perpassa o território da escassez, indo da precariedade da pensão onde mora à incapacidade de lidar com o que desconhece. Os acontecimentos em *A hora da estrela* dão conta de uma crise de que Macabea sequer tem noção, diante da ausência de argumentos acerca do que a vida lhe possa oferecer. Sua trajetória de humilhações não tem remissão, sendo impraticável revertê-la. Diante disso, a desigualdade condena Macabea do mesmo modo que a induz ao desejo do que lhe falta. Os espaços onde se refugiam os que não possuem meios de acesso aos bens de consumo são como imagens desprovidas de referências que não se consubstanciam. A condição de Macabea, portanto, está pautada no lugar onde se detecta uma crise de dimensão extrema.

A observação de que Macabea é alvo corresponde ao meio de que a narrativa se utiliza para exemplificar a exclusão no cenário da cidade. As áreas de exclusão apresentam-se definidas, cabendo ao leitor identificá-las como espaços onde sua presença mimetiza-se. Desse modo, se estabelece uma proximidade inalienável, se for pensada a forma através da qual esse encontro se confirma. Ainda que uma cidade das dimensões do Rio de Janeiro ofereça opções de cultura e lazer, essa oferta mostra-se reduzida em relação à massa. Além disso, a exclusão manifesta-se como ponto de tensão, não havendo condições de serem superados seus entraves. No que se refere à narrativa, cabe constatar os danos decorrentes da metrópole que condena ao exílio local os já condenados à vida distante de sua terra.

A situação decorrente da exclusão dos mais humildes concorre para que *A hora da estrela* se faça representar como narrativa que contrapõe situações inerentes à cidade. A estrela que brilha para Macabea, de acordo com o que lhe assegura a cartomante, lhe chega por meio de um automóvel Mercedes Benz, cujo símbolo é uma estrela. O centro espírita em Olaria representa uma distância significativa com relação ao pensionato na Rua do Acre, no Centro da cidade. Daí se fazer representar a *via-crúcis* de quem não possui condições que lhe garantam o prosseguimento da vida longe do infortúnio e da privação. A perspectiva de transformação de quem não consegue superar sua própria condição apresenta-se nula. Assim, a cidade como espaço relativo à esperança de quem chega do Nordeste não corresponde ao que dela se espera.

O sucesso do fracasso

A forma através da qual *A hora da estrela* se apresenta suscita posições para as quais não existem opções, uma vez que à pobreza acrescenta-se uma existência desprovida de beleza. Assim, o insucesso de Macabea reitera o que não se faz possível subverter, em vista da situação a que a personagem é condenada. A isso Eduardo Portella acrescenta: “O corte grotesco – humano, demasiado humano, tão humano que dói – expôs sem complacência as lesões que a moça alagoana traz na alma”. (1983, p. 177). O que se faz representar no texto dá conta de uma situação diante da qual não existe possibilidade de êxito. Os descaminhos da sociedade refletem-se no que Macabea representa como retrato da mulher preterida. A isso corresponde o meio onde a realidade da imigrante nordestina se aprofunda, refletindo a impossibilidade de ser revisto o lugar de origem desse conflito.

Por conta disso, Macabea concorre para que sua desdita seja a razão do que a narrativa evidencia, a partir da falta de apreço que alimenta por si mesma. Essa condição constitui-se no motivo da personagem recorrer a elementos fora de sua realidade intelectual para encontrar o significado do que lhe falta. As informações que lhe chegam através da Rádio Relógio são representações de um mundo esvaziado de sentido onde se coloca como personagem pitoresca, vivendo à margem dos acontecimentos. A datilógrafa que exerce seu ofício de modo precário corresponde aos borrões do que no sentido prático se reproduzem continuamente. Daí a vida limitar-se à insignificância de sua tentativa de sair de onde se encontra. Essa tentativa não apresenta o menor sinal de irreverência diante do sistema que a oprime, significando um nível de alienação, sem a devida consciência do que lhe afeta.

A estrela obscura reafirma sua falta de sentido como perda e ausência. O fim do relacionamento com Olímpico, o namorado que lhe fora tomado por Glória, simboliza a derrota de alguém sem atrativos, vitimada pelo azar de estar no mundo, uma vez que sua estrela não possui razão para brilhar. Por esse meio, a cartomante confirma a vontade de Macabea ser alguém para quem a vida ofereça o que dela se espera. A hora de brilhar configura-se em seu momento final, e a morte lhe representa essa condição. Assim, seu lugar de pobre e excluída não impede que seu brilho derradeiro ocorra, mesmo quando não há qualquer sinal de vida que lhe seja proveitoso. Aos desprovidos resta amargar a má sina que os atinge como legião que assoma às grandes cidades.

A ilusão de Macabea a leva a conceber um mundo do qual não faz ideia. Estranha à sua própria realidade, as privações que a vitimam passam ao largo do entendimento de quem confunde os termos diante do que a oprime. O desconhecimento de si mesma a faz ignorar o que a circunda, não sendo possível fugir ao destino que a acompanha, mesmo que esse destino contrarie as previsões da cartomante. A queda de Macabea, atropelada por um homem louro que não lhe presta socorro, diz respeito à desdita da nordestina para quem o Rio de Janeiro apresenta-se como expectativa impossível de ser concretizada em sua terra. O contato com a cidade mostra-se a partir da ausência de meios capazes de promovê-la a um patamar de dignidade. Essa situação, contudo, não denuncia qualquer desequilíbrio, haja vista a falta de consciência da personagem acerca de seu próprio drama.

Macabea apresenta-se como imagem de um mundo que se constitui em seu retrato. O esfacelamento do que não encontra tempo para se configurar corresponde à personagem impedida de competir em igualdade com o que a exclui. A isso Vilma Arêas acrescenta: “Se é baseada na

reconstrução de um olhar – a partir do sentimento de perdição surpreendido no rosto da nordestina –, a história é tecida em meio às circunstâncias objetivas da pobreza brasileira, refratadas na vida e na literatura do fracasso de Clarice”. (2005, pp. 76-77). O fracasso resulta da crise que exclui os sem oportunidades, e significa apenas o início de um processo. A possibilidade de Macabea reverter sua trajetória não corresponde aos meios de inserção decorrentes da convivência com os demais. Não há, portanto, como se possa dar conta de seus sofrimentos diante de um mundo excludente.

A desdita de Macabea concorre para que *A hora da estrela* se confirme como tema de teor social. Desse modo, acrescenta-se à narrativa a possibilidade de assumir um caráter de observação que na obra de Clarice Lispector não tem como se efetivar. Por esse meio, se oferece uma perspectiva inusitada, não havendo como *A hora da estrela* rivalizar com as demais. A exclusão que condena Macabea a uma existência sem motivo de felicidade prolonga o sofrimento de quem não possui meios de vir a atenuá-lo. A precariedade a que se vê condenada efetiva-se como um princípio inviável de se converter, uma vez que os desvalidos pela falta de sorte não têm outro destino. A tentativa de mudar essa ordem resulta em sacrifício vão, na medida em que não existe nenhum meio de escapar ao que se impõe de modo inevitável.

Referências Bibliográficas

- ARÊAS, Vilma. *Clarice Lispector com a ponta dos dedos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- LÚCIA HELENA. *Nem musa, nem medusa: itinerários da escrita de Clarice Lispector*. Niterói: Eduff, 1997.
- NUNES, Benedito. *O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Ática, 1995.
- PORTELLA, Eduardo. *Confluências: manifestações da consciência comunicativa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.
- SÁ, Olga de. *A escritura de Clarice Lispector*. Petrópolis, Lorena: Vozes, Faculdades Integradas Teresa D’Avila, 1979.
- WALDMAN, Berta. *Clarice Lispector: a paixão segundo C. L.* São Paulo: Editora Escuta, 1992.

Recebido em: 19/10/2018
Aceito em: 20/11/2018